

## Resenha

Gabriel García Márquez. *Memória de minhas putas tristes*. São Paulo: Record, 2005. 132 p.

### **García Márquez para desocupados de plantão.**

*Os adolescentes da minha geração, ávidos pela vida, esqueceram de corpo e alma as ilusões do porvir, até que a realidade ensinou a eles que o futuro não era do jeito que sonhavam e descobriram a nostalgia*

*García Márquez*

A citação acima, retirada do último livro de ficção de Gabriel García Márquez – *Memória de minhas putas tristes* (Record, 2005) – parece condicionar um contraponto ao título deste artigo. A expressão “desocupados de plantão”, cunhada por um eminente filósofo local, remete a um conceito de que aqueles que já ocuparam uma profissão e, agora, se inserem em outros ofícios são indivíduos imberbes, com opiniões distorcidas, já que o ócio e a incapacidade de pensar e ver se lhes escapa. Essa presunção de que a realidade daqueles que se aposentam é radicalmente inversa aos que costumam com labor as vicissitudes do cotidiano, como sói acontece no se ergue numa premissa falsa. O alvo são os críticos e os jornalistas que parecem ter uma tarefa própria de desocupados, vagabundos, gente sem serventia, pois que só olha o mundo para atazanar a vida daqueles que produzem. Por incrível que possa parecer, a história que García Márquez nos conta em seu último livro, a partir da narração das memórias de seu velho personagem, erige uma defenestração a esse tipo de indivíduo.

A “novela” de García Márquez, pois não tem a estrutura do “romance” na acepção da palavra, traduz as reminiscências de um aposentado de 90 anos que ainda mantém a disposição de escrever uma crítica musical no jornal de sua cidade. O autor descreve seu personagem (mas não o nomeia) como um tipo feio, com uma certa timidez e um anacronismo que o acompanha vida afora, tendo sido professor de gramática espanhola e latim (um mau professor como admite), além do emprego de “domador de telegramas”, decifrador de notícias do Diário de la Paz. O personagem, um desocupado de plantão, ao raiar de seus 90 anos decide comemorar a efeméride com “uma noite de amor louco com uma

adolescente virgem”. Aqui se encontra uma espécie do contraponto de García Márquez para falar da vida, da moral e da fantasia e, melhor, do ato de escrever como assunção do espírito.

*Memória de minhas putas tristes*, a partir de sua epígrafe, é uma homenagem ao escritor japonês Yasunari Kawabata, objetivamente à novela *A casa das belas adormecidas*, onde o prazer e a sabedoria do olhar dos anciãos recolhem as delicadezas da condição humana, aliás artigo raro nos dias de hoje. García Márquez cita o seguinte trecho do livro de Kawabata: “Não devia fazer nada de mau gosto, advertiu a mulher da pousada ao ancião Eguchi. Não devia colocar o dedo na boca da mulher adormecida nem tentar nada parecido”. Em seu texto, o escritor colombiano exprime uma certa similaridade: “Naquela noite descobri o prazer inverossímil de contemplar, sem as angústias do desejo e os estorvos do pudor, o corpo de uma mulher adormecida”. Estas duas passagens são, na verdade, a metáfora que encerra o mistério do personagem e do livro em questão. Nada que signifique uma atenção redobrada para o leitor comum, mas que pode iludir os trabalhadores da lógica e da verdade.

O narrador informa que o título de suas lembranças, *Memória de minhas putas tristes*, lhe veio a partir dos 20 anos, quando começou a registrar nos seus escritos as características das mulheres com quem se deitou. O inventário é a forma de explicar seu celibato, já que as “putas não lhe deram tempo para casar”, mas o impele à seleção das personagens que irão organizar sua narrativa. Uma das personagens-chave é a cafetina Rosa Cabarcas, mulher que irá até o fim do livro servir de consciência ao velho aposentado. Ximena é a noiva desprezada, a única mulher que poderia ter mudado a trajetória do herói. Damiana, a empregada dócil e que permanece virgem, pois só era usada por detrás, é invocada para salientar a lealdade, a paciência de quem agüenta os desvarios do narrador. Delgadina é a fantasia última, símbolo dos repuxos do desejo e das alucinações que lhe impulsionam a escrever as crônicas amorosas e apaixonadas no final da vida. Duas outras mulheres fazem parte das reminiscências do narrador: Castorina, que ensinou as artes amorosas ao personagem quando este tinha seus 12 anos e a mãe do escritor: Florina de Dios Cargamentos, “intérprete notável de Mozart, poliglota e garibaldina, e a mulher mais formosa e de melhor talento que jamais houve na cidade”, sem comentários pois é desnecessário invocar Freud. Este pequeno retrato das pessoas envolvidas nas memórias do aposentado é o que sustenta a novela de García Márquez.

Gabriel García Márquez tornou-se conhecido no universo das letras quando lançou em 1967 o seu “Cem anos de solidão”, romance que arrebatou os maiores elogios da crítica e com notável repercussão em vendas, até hoje é reeditado. Com aquela obra, Márquez traçou seu destino de escritor e vem tentando honrar os panegíricos que recebe, seja de críticos especializados, seja de leitores apaixonados pela veia ideológica, esses que não se enquadram

como desocupados de plantão. Por certo Gabo, como é conhecido entre sua “entourage” íntima, merece tais loas, eis que realmente é um portentoso contador de histórias, um artista do figurativo e das descrições inventivas, próprias daquilo que se convencionou chamar de realismo mágico. Ah, como é realismo pode ser mágico, diriam aqueles ideólogos da alegria, mesmo que as leis da invenção literária apontem para outros caminhos. Por certo, García Márquez soube, com raro brilho, fundar um estilo que prima por um ritmo quase obsessivo na narração e, também, na inclusão de suplentes e supridos na construção de seus personagens. Muitos escritos lhe apontam um lirismo poético em sua prosa, dita de uma explosão épica (principalmente em *Cem anos de Solidão*), mas prefiro ficar com o grande painel, um mural talvez, que o escritor constrói ao mostrar a condição humana naquilo que ela tem de ridículo e piegas. É a verve do humor, tão latina, da ironia e do sarcasmo com que Márquez engendra seu lugar na história literária, não mais e não menos, contudo um escritor que o tempo vai, quem sabe, afirmar como um rapsodo das estórias populares. Seu reconhecimento mundial se deu com o Prêmio Nobel em Literatura, amealhado em 1982.

Um outro ponto alto em sua carreira, foi o lançamento do romance *O amor nos tempos do cólera*, de 1985, quando solidificou as premissas lançadas em “Cem anos de solidão”. Nos últimos 10 anos, García Márquez publicou o romance *Do amor e outros demônios* (1994), o livro reportagem *Notícia de um seqüestro* (1996), o aludido primeiro volume de suas memórias *Viver para contar* (2002) e, recentemente, o texto que ora comentamos, *Memória de minhas putas tristes* (2005). Parece que o escritor, às vésperas de completar 78 anos (nascido em 06/03/1928), se assemelha ao seu personagem memorial quando este afirma: “hoje, aposentado mas não vencido, gozo do privilégio sacro de escrever em casa, com o telefone fora do gancho para que ninguém me perturbe, e sem censor que espreite o que escrevo por cima do meu ombro”. Isso é manifesto em função da pressão que o escritor sofre para terminar suas memórias e o já mencionado livro de contos *Em agosto nos vemos*. Título que parece até auscultar o final das memórias do escritor-personagem de 90 anos, de *Memória de minhas putas tristes*, quando há, enfim, a gratidão deste que “não se reconhecia em sua dor adolescente”.

*Memória de minhas putas tristes* é uma narrativa um degrau abaixo na obra de García Márquez, muito embora se possa citar o escritor, em déjà vu, quando diz que “é um triunfo da vida que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam”. Pode ser. Mas o uso de alguns chavões e a falta de profundidade psicológica, o impelem a cometer disparates como “morrer de amor não era mais que licença poética”. Isso também acontece com os grandes escritores, pois a invenção

pura foi dada para muitos poucos, sem citá-los para evitar constrangimentos. Mas isso guarda uma lição, como no início desta crônica, aquela que imprime em algumas pessoas uma vontade, uma ação em contar histórias, território que eleva a alma ante os “esperneios” da crítica e que justifica o ato de escrever, como na frase derradeira da novela: “Era enfim a vida real, com meu coração a salvo, e condenado a morrer de bom amor na agonia feliz de qualquer dia depois dos meus cem anos”. Com a alcunha de desocupado de plantão, fiz por merecer a leitura deste último Gabriel García Márquez no ócio opulento deste verão infernal.

Robson Pereira Gonçalves, crítico & editor.